

## ***O ENSINO DA LITERATURA EM DIÁLOGO COM A PINTURA PARA A CONSTRUÇÃO DO LEITOR CRÍTICO***

Tayana Souza da Costa<sup>1</sup>  
Sônia Maria Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** As obras literárias, assim como, a arte pictórica propiciam aos seus leitores o contato com conteúdos históricos e culturais, que viabilizam a compreensão social dos cidadãos, formando e aguçando a criticidade dos mesmos. Em vista disso, este trabalho objetiva salientar o uso do gênero pintura em diálogo com a literatura para o desenvolvimento do leitor crítico no Ensino Médio. Para isso, utilizou-se como ferramenta metodológica a pesquisa bibliográfica, isto é, foi desenvolvida uma discussão teórica com base na problemática e proposta didática aqui ressaltada. Dessa maneira, Gonçalves (1994) e Oliveira (2014) dão o embasamento teórico para o conhecimento histórico desta aproximação entre literatura e pintura. Já Cosson (2014) e Lajolo (1993) contextualizam o ensino literário nas escolas. E por fim, Frederico F. Silva (2010), exemplificará o uso da literatura em diálogo com a pintura, nas salas de aula, para a formação do leitor crítico. Com base nos dados obtidos e comparados com o livro didático, notou-se que a proposta didática salientada neste escrito é uma importante e necessária ferramenta para o ensino da literatura e consequentemente para formação de leitores conscientes de seu papel social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Pintura; Diálogo; Leitor; Crítico.

**ABSTRACT:** Literary works as well as pictorial art provide readers with contact with historical and cultural contents, which enable the social understanding of the citizens, forming and sharpen their criticality. In view of this, this work aims to highlight the use of the genre painting in dialogue with literature for the development of the critical reader in High School. For this, a bibliographic research was used as a methodological tool, that is, a theoretical discussion was developed based on the problematic and didactic proposal highlighted here. In this way, Gonçalves (1994) and Oliveira (2014) provide the theoretical basis for the historical knowledge of this approximation between literature and painting. Already Cosson (2014) and Lajolo (1993) contextualize literary teaching in schools. And finally, Frederico F. Silva (2010), will exemplify the use of literature in dialogue with painting, in classrooms, for the formation of the critical reader. Based on the data obtained and compared with the textbook, it was noted that the didactic proposal emphasized in this writing is an important and necessary tool for teaching literature and consequently for the formation of readers aware of their social role.

**KEYWORDS:** Literature; Painting; Dialogue; Reader; Critical.

### **INTRODUÇÃO**

O ensino literário na escola aponta para uma realidade leitora aquém do esperado, pois, os discentes não conseguem desenvolver o aspecto crítico diante das narrativas, isto é, são meros interpretes e decodificadores passivos dos escritos históricos da literatura brasileira. Diante disso, cabe ao professor apresentar propostas didáticas e metodológicas que norteiem o desenvolvimento

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Letras na Universidade Nilton Lins.

<sup>2</sup>Mestranda em Educação pela Universidad Europea del Atlántico. Especialista em Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa para Ensino Fundamental II e Ensino Médio (Universidade Católica de Brasília – UCB); Didática do Ensino Superior (Universidade Nilton Lins); Licenciatura em Letras (Universidade Federal do Amazonas – UFAM).

da leitura-crítica, porém, a realidade educacional apresenta educadores tradicionais, que não se comprometem com a formação desta leitura significativa. Portanto, como formar o leitor crítico?

Diante desta problemática no ensino, este trabalho tem como objetivo salientar o uso do gênero pintura em diálogo com os textos literários para o desenvolvimento da criticidade leitora, visto que, esta relação facilitará o entendimento e racionalização dos contextos sociais e estéticos que envolvem determinada obra, ampliando a visão significativa dos discentes. Assim, este escrito delimita-se ao processo de formação do leitor crítico no Ensino Médio.

Para a construção deste trabalho, utilizou-se os escritos de Aguinaldo José Gonçalves e Larissa Arruda de Oliveira como embasamento teórico para o conhecimento histórico desta aproximação entre literatura e pintura. Além de Rildo Cosson e Marisa Lajolo para contextualizar o ensino literário nas escolas. E por fim, Frederico F. Silva, exemplificará o uso da literatura em diálogo com a pintura para a formação do leitor crítico.

O estudo aqui apresentado será fundamentado através da pesquisa bibliográfica, ou seja, todas as publicações produzidas sobre o assunto aqui abordado serão debatidas e confrontadas propiciando um entendimento mais amplo, no que diz respeito à relação entre literatura, pintura e leitor.

Dessa maneira, este trabalho contribui para que os jovens possam fazer uma leitura significativa das obras literárias, aproximando-os de culturas passadas de forma a internalizá-las, fazendo ligações com outras linguagens e formas de expressão. Os educandos despertarão uma percepção crítica-reflexiva ao lerem uma obra ou um fragmento literário, estabelecendo elos contextualizados e uma análise apurada da comparação entre a arte da palavra e a pintura.

## **1 PREMISSAS DA UTILIZAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM PICTÓRICA E A LITERATURA**

O diálogo entre literatura e pintura é uma relação que se desenvolveu e evoluiu ao longo do tempo, permitindo observar a maneira como a pintura serve de inspiração para um escritor, assim como, uma obra escrita também serve para um pintor.

sempre existiram trabalhos de pintores e poetas que se realizaram por meio da inspiração ou a partir da captação de temas ou motivos formais da arte vizinha, produzindo efeitos expressivos, muitas vezes de alto valor artístico (GONÇALVES, 1994, p. 18).

De acordo com o fragmento citado acima, há uma complementação entre a pintura e a literatura, uma vez que, é possível identificar variados textos que dialogam com pinturas de um

mesmo contexto histórico ou distanciados no tempo. O surgimento do diálogo entre texto e pintura, foi mencionado a partir da Arte Poética de Horácio, que procurou desenvolver “uma comparação entre as duas artes” (GONÇALVES, 1994, p. 18).

Este importante poeta latino foi um dos primeiros a identificar semelhanças entre pintura e texto, procurando características que ligavam-nas. Logo, foram as suas pesquisas que propiciaram o estudo entre a literatura e as artes plásticas, porém suas concepções mais tarde foram refutadas. Segundo Gonçalves:

então veio Lessing, cuja a leitura do famoso conjunto escultórico em que se representava Laokoon e seus filhos e as reflexões daí decorrentes, deram origem ao tratado, publicado em 1766, Laokoon, ou os limites da pintura e da poesia, com o qual se deslocava a discussão das relações entre as duas (GONÇALVES, 1994, p. 12).

As contribuições do crítico de arte, o alemão Lessing, procuraram salientar as diferenças entre as artes, levando-as para uma análise temporal e espacial, ou seja, “a pintura é uma arte da imagem, isto é, do espaço, enquanto a poesia é uma arte da linguagem, isto é, do tempo” (LESSING, 1998, p. 96 apud OLIVEIRA).

Por conseguinte, a pintura e a literatura são artes que vão além da fruição, carregam significações, formas e contextos para a compreensão e autonomia do sujeito, ambas exibem acontecimentos e fatos históricos de uma determinada época, dessa forma resgatam-se a cultura e cidadania de um povo, em vista disso constrói-se um novo sentido e uma nova sociedade:

Assim a literatura resgata as experiências históricas, culturais e estéticas da humanidade e exige por parte de quem lê um posicionamento pessoal, não apenas em relação ao passado, mas também em relação ao presente (CEREJA, 2005, p.30).

Por essa razão, a intertextualidade entre essas artes, é fundamental para o entendimento das obras literárias, já que uma se faz presente na outra.

No século XV, período renascentista e medieval, o artista italiano Giotto um pintor que utilizava textos bíblicos como inspiração para criar suas pinturas, aproximou ainda mais essa relação do texto e imagem, assim, “aproximava o povo da religião, pois as imagens eram verdadeiras traduções das passagens bíblicas” (OLIVEIRA, 2014, p. 21).

Mais tarde nos anos de 1900, surgem algumas expressões artísticas nomeadas de Vanguardas Europeias, estas tiveram como objetivo representar a realidade conturbada daquele período histórico, utilizando para isso várias possibilidades artísticas (esculturas, pinturas, obras literárias, cinema etc.), o que culminou em uma apropriação maior entre as telas coloridas cheias

de informações e as narrativas literárias representantes do mesmo período. Segundo Larissa Oliveira: “[...] é com as chamadas vanguardas modernistas (cubismo, surrealismo, expressionismo, etc.) no século XX, que essa relação entre artes plásticas e literatura volta a ser reafirmada estreitando-se ainda mais a fusão entre as duas artes [...]” (2014, p. 22).

Já no Brasil a busca por uma identidade nacional nas artes em geral estreitou a relação entre literatura e pintura. Com o intuito de revolucionar a literatura e a arte nacional, desprendendo-as do modelo europeu e do academicismo o qual os artistas brasileiros ainda se inspiravam e se prendiam, surge, portanto, uma estética mais livre. Esse novo olhar fez emergir nas artes plásticas o primeiro artista brasileiro chamado Almeida Junior, que buscou evidenciar tanto a natureza brasileira quanto o homem, sendo ele chamado de precursor pelos modernistas, inclusive este movimento original é um dos mais significativos para a arte pictórica e a literatura, pois,

foi o movimento modernista o primeiro momento em que um grupo de intelectuais e artistas planejou a criação de uma arte brasileira. Isto implicava não se limitar apenas ao nível da temática, mas atingir os elementos pictóricos, elaborando uma imagem cujo ineditismo fosse resultado da sua identidade com a cultura brasileira” (ZILIO, 1996, p. 14).

De acordo com o fragmento exposto acima, a temática que retratava o povo brasileiro e suas condições realistas de vida não ficou somente nos textos literários, expandiu-se também nas artes plásticas, isto é, as mazelas sociais denunciadas através destas expressões artísticas dialogavam entre si e resgatavam a cultura popular tão almejada pelos artistas, apresentando aos seus apreciadores certa reciprocidade temática, no que diz respeito ao contexto, ideologias e filosofias defendidas.

## **1.1 O ENSINO DA LITERATURA NAS ESCOLAS**

A Literatura na sala de aula se torna em alguns momentos fatigante para o educando, posto que para o professor se torna uma constante preocupação em buscar novas alternativas metodológicas de ensino visando a aproximação destes com textos literários, no entanto, quais meios o professor está buscando para alcançar esses resultados? Como está sendo realizado o ensino da Literatura nas escolas?

Na realidade escolar é comum ouvir reclamações de alunos a respeito da disciplina de Literatura, muitos deles acreditam que precisam apenas saber as características, autores, obras principais que estejam relacionadas à determinada escola literária, na qual servirão somente em momentos de avaliações, isto é, “só leem se obrigados” (LAJOLO, 1993, p. 12), logo, não

visualizam a real relevância da leitura dos cânones literários. Diante da realidade contestada nas Escolas quanto a falta de interesse de parte dos estudantes caberá à Instituição

organizar o currículo e nele colocar em primeiro plano a leitura como conteúdo a ser ensinado e habilidade a ser desenvolvida, em todas as áreas do conhecimento, porque a sociedade contemporânea é marcada pelo contato com textos dos mais variados gêneros discursivos. (ALVES, 2016, p. 11).

Ao processo que a Escola for adaptando todas as disciplinas com um único objetivo que será de desenvolver cidadãos atuantes e autônomos aptos a fazer qualquer leitura do seu contexto, somente assim os discentes entenderão o porquê de estarem estudando os textos literários.

Um outro fator que coopera para este desencontro entre discente e texto literário em sala de aula, é justamente a ação pedagógica desenvolvida pelos professores conformados e crentes de que as leituras fragmentadas dos textos são sinônimas de um bom trabalho de leitura, logo, “a função desse professor bem-sucedido confina-se ao papel de propagandista persuasivo de um produto (a leitura) [...]” (LAJOLO, 199, p. 14). Nesse caso possivelmente o professor deixa envolver-se por armadilhas imediatas que a mídia divulga, tais como o livro didático, como soluções para trabalhar-se como texto literário, tornando-se, assim, uma forma engessada de ensino da literatura, todavia, “[...] talvez o professor seja peça secundária na escola de hoje e, conseqüentemente, sua voz se faça ouvir com timidez, no que diz respeito aos destinos dos textos literários em classe” (LAJOLO, 1993, p. 14). Com certa ingenuidade ou desmotivação o educador busca prender-se a modelos postos a eles como norteadores do seu trabalho, sendo pouco considerável a opinião daquele que está diariamente vivenciando os problemas da sala de aula.

Atrelado ainda às dificuldades enfrentadas pelos discentes, em seu trabalho com os textos, encontra-se a tecnologia, que apesar de suas contribuições favoráveis e acessíveis a pluralidades de conhecimentos, possui seus pontos negativos e acomodações tanto em função do educador como do educando, pois segundo Ivanda Silva:

Apesar desses avanços nas novas tecnologias, enfrentamos um processo de massificação cultural, em que a maioria dos indivíduos não consegue fazer uma leitura crítica do mundo. Nesse contexto, a leitura é praticada de modo superficial, devido à rapidez e a velocidade das informações que trafegam na internet (SILVA, 2003, p. 519).

Nota-se que este contexto tecnológico é um dos fatores de maior destaque quando fala-se em problemáticas que envolvem a situação leitora atual, pois, alunos que leem obras literárias com superficialidade (quando leem) não encontram sentido nesses textos, taxando-os como chatos e insuportáveis, desta forma, a mesma visão e percepção rasa diante das grandes narrativas históricas

e socioculturais será refletida em seu contato com situações do cotidiano, tornando-se em um cidadão cuja própria atuação não é valorizada ou percebida.

Há algumas escolas que seguem o tipo de ensino Tradicional no qual é focado no professor sem que haja uma participação ativa do aluno, inclusive o educando até participa em alguns momentos, porém, não é lhe dado mecanismos para ter autonomia e formulação de novas ideias, sendo assim “subestima-se a atividade mental dos alunos privando-os de desenvolverem suas potencialidades cognitivas, suas capacidades e habilidades, de forma a ganharem independência” (LIBÂNIO, 2006, p. 78), ou seja, o ensino, principalmente o da disciplina de literatura, deve constituir-se de uma proposta didática que viabilize a interação do aluno com o professor, com o livro e com toda a classe, uma vez que, a troca de informações/conhecimentos de mundo ou científicos agrega tanto à bagagem do educador quanto à do educando, modificando e atualizando velhos conceitos ao contexto destes meninos, e conseqüentemente, transformando a sala de aula em um ambiente agradável onde o conhecimento nasce, cresce e amadurece.

Os primeiros contatos que o discente tem com os textos literários é no ensino fundamental, em determinadas escolas é bem superficial, porque, o educando fica apenas na leitura da simples decodificação ou fruição desse texto, ou seja, “não é possível aceitar que a simples atividade escolar da leitura seja considerada a atividade escolar de leitura literária” (COSSON, 2014, p. 26). Visto que ao processo que se avança nos estudos escolares os alunos deparam-se com textos que exigem mais por parte do leitor e com esse impacto conseqüentemente causam-lhes um certo estranhamento, pois percebem a necessidade de irem além da face do texto, não se atendo somente no enredo mais focando na sua literariedade. Em vista disso:

O papel da Escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo na prática, essa nação parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares (SILVA, I., 2003, p. 515).

A partir do fragmento citado acima nota-se que é dever da escola orientar e nortear os jovens por caminhos mais claros de consciência e entendimento, despertando esta criticidade necessária para a compreensão do mundo, dessa maneira, temos o ensino da literatura nas escolas, como esta ferramenta que propicia a reflexão e amplia o conhecimento dos discentes, uma vez que, permite o diálogo com inúmeras personalidades históricas e mergulhos profundos em diferentes épocas, locais e universos, que viabilizam o desenvolvimento cognitivo, além do autoconhecimento.

## **1.2 O LEITOR CRÍTICO E OS TEXTOS LITERÁRIOS**

A leitura é a ferramenta mais importante para o processo de socialização do homem, porque, é através dela que o sujeito ampliará a sua capacidade comunicativa, bem como o desenvolvimento da competência reflexiva. Porém, esta relação entre leitor e texto vai muito além da mera decodificação de palavras, como afirma Bordini & Aguiar: “para aprender a ler o texto verbal escrito, não basta conhecer as letras que assimilam os fonemas, nem adianta saber que os fonemas só fazem sentido, quando reunidos em palavras ou frases” (1988, p. 10).

Dessa maneira, o processo de leitura rompe as barreiras existentes entre o livro e o leitor, pois para que haja sentido em meio a esta interação deve-se incluir em meio a estes dois: o contexto e toda a bagagem cultural carregada por aqueles que visitam outros mundos existentes nas folhas de papel. Segundo Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1998, p. 11).

Nota-se a partir do fragmento textual citado acima, que ler é construir sentidos por meio do choque entre realidades, do texto e do contexto do leitor, numa atividade que reflete no antes e no depois da ação leitora, moldando e expandindo os pensamentos e a capacidade de reflexão dos apreciadores de narrativas. Dessa maneira, “o acesso aos mais variados textos, informativos e literários, proporciona, assim, a tessitura de um universo de informações sobre a humanidade e o mundo que gera vínculos entre o leitor e os outros homens” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 10).

Apesar da importância do ato de ler aqui ressaltada, como aspecto social que promove a humanização do homem, “a escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se primordialmente para a superfície do texto” (SILVA, I., 2003, p. 516). Diante disso, observa-se a negligência institucional por meio desta tarefa, uma vez que, a escola é o ambiente que promove a relação entre os jovens e o texto, principalmente os escritos literários.

A relevância que os textos literários desempenham no processo social, psicológico e intelectual de um indivíduo se faz extremamente necessário no que se refere ao seu contato com o mundo, sua relação com outrem e a compreensão de si mesmo. A princípio as narrativas literárias são as mais completas e certamente complexas, porém, uma vez que lidas e compreendidas em sua totalidade agem de forma significativa em todos os aspectos da vida do ser humano, por serem exigentes com seus leitores, levando-os a pensar, analisar e preencher lacunas, ou seja, “os textos

literárias não constituem leitura simples, porque são plurissignificativos; exigem um perfil de leitor que empreenda primeiro uma leitura inspecional e, depois, analítica” (ALVES, 2016, p. 22). Além disso, estes escritos exprimem temáticas que estão presentes na sociedade, como suas alegrias e mazelas, despertando esse leitor a olhar/pensar a sua realidade e conseqüentemente agir. Já que segundo Alves:

O texto literário favorece o despertar para a reflexão sobre tais assuntos, pois ele revela diferentes emoções, distintas visões de mundo e conhecimentos de modos, contextos históricos e situacionais. A leitura dos textos literários tem no seu tecido a força que humaniza, promove a comunicação e o pensamento crítico [...] (ALVES, 2016, p. 21).

De acordo com o escrito acima, os textos literários dão autonomia ao leitor para dialogar e refletir diante de qualquer situação do seu mundo, pois ele reconhece na literatura uma ferramenta poderosa para relacionar-se dentro do contexto em que vive e assim conseguir expor suas ideias, dessa maneira, nota-se que “a socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura [...]” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 10).

Dessa forma, observa-se que a leitura literária é o canal pelo qual os jovens desenvolverão a criticidade exigida para vida em sociedade, uma vez que o mundo é um universo significativo cheio de textos, formas e cores que precisam ser vistos, analisados e refletidos, considerando toda a mensagem explícita e implícita no contexto. Segundo Bordini & Aguiar a leitura crítica acontece: “[...] quando o aluno elabora seus juízos de valor e desenvolve a percepção dos conteúdos estéticos sensível aos problemas sociais, o jovem interroga-se sobre suas possibilidades de atuação na comunidade adulta” (1988, p. 21).

Com base no fragmento citado acima, é possível perceber que a leitura só faz sentido e provoca algum efeito no leitor quando este relaciona o conteúdo estético e sensível do escrito com a sua situação de vida, logo, tal habilidade reflexiva aponta para a formação de um novo leitor, denominado como crítico. Pois, este é capaz de enxergar o mundo com mais clareza e consciência dos aspectos históricos e culturais que circundam na sociedade.

### **1.3 A PINTURA AUXILIANDO NA CONSTRUÇÃO DE UM LEITOR CRÍTICO**

A importância da leitura no cenário sociocultural vigente é um assunto bastante abordado por pensadores, educadores e demais envolvidos com a educação, uma vez que se é discutido a relevância de um indivíduo ativamente crítico.



Para determinados estudantes a leitura literária ainda causa muita aversão, devido a quantidade de informações e linguagem rebuscada contida nestes escritos, os quais o aluno ainda não está familiarizado, pois, segundo Karina Silva (2005) os primeiros contatos com estes cânones acontecem em sua maioria no 1º ano do Ensino Médio, dessa forma, esse aluno terá dificuldade em realizar leituras que exijam um pouco mais de sua capacidade cognitiva e reflexiva, a exemplo disso, observa-se “[...] o susto, quando logo nos primeiros meses do EM tomar contato com as cantigas e os sonetos camonianos” (SILVA, K., 2005, p. 5).

A receptividade negativa causada pelo primeiro contato do jovem com o texto literário, expõe as duas dificuldades que envolvem a disciplina de literatura na instituição escolar, a primeira volta-se às alternativas metodológicas buscadas pelo professor para tornar este contato primário em algo “mais prazeroso e eficiente para a vida do aluno” (SILVA, K., 2005, p. 4). Já a segunda constitui-se na dificuldade de reflexão e assimilação dos estilos literários e suas respectivas características que envolvem determinada obra. Em vista disso observa-se que a literatura em “diálogo com as imagens possibilita a visualização destas nos textos, conduzindo o leitor a um exercício de reconstrução do que foi examinado” (BARROS, 2007, p. 30), logo, evidencia-se esta proposta didática pouco trabalhada dentro da sala de aula, mas, que pode auxiliar para o ensino de forma mais significativa, e o desenvolvimento de alunos críticos e reflexivos, diante dos fatos literários e do mundo.

Trabalhando o gênero textual pintura abre-se ao educando um leque de possibilidades que o ajudará a internalizar o contexto literário o qual o professor se refere no momento de sua aula, assim como, a aproximação com culturas passadas ligando-o a outras linguagens e formas de expressão. Talvez “desenvolver estudos intersemióticos, considerando as relações entre Literatura e outras expressões artísticas (literatura e pintura [...])” (SILVA, I., 2003, p. 524) possa aguçar a curiosidade do aluno a ler os textos literários com uma visão mais apurada, porque, a linguagem artística

é plurissignificativa, isto é, rica em significações e conotações. Aqui reside o seu poder sugestivo — será tanto mais intenso quanto maior for a nossa capacidade de interpretação, de associação e de inter-relação simbólica. Neste sentido, a obra de arte é uma obra aberta a diversas leituras que, embora diferentes, não se anulam umas às outras e que, inclusive, podem ser realizadas, em diferentes momentos, por uma mesma pessoa (RODRIGUES, 2011).

Com base no fragmento, observa-se que o aspecto de liberdade interpretativa propiciado pelo gênero textual pintura incentiva e atrai os jovens para uma viagem literária mais intensa e significativa, dessa forma, prepara o caminho para o contato com as narrativas literárias, tendo em

vista que as mesmas estabelecem conexões intertextuais, tornando as características e contexto histórico de determinado estilo literário mais perceptivas.

Outra peculiaridade, dos cânones da literatura, que contribui para esse diálogo entre texto e imagem são as descrições construídas de forma minuciosa que permitem o leitor enxergar e sentir ambientes, emoções, personalidades e conflitos. A exemplo disso José Leite comenta:

Nessa tela imaginária, nos encantamos com a cor negra dos cabelos de Iracema, tão negros como a plumagem da graúna sertaneja; desconfiamos do olhar oblíquo e dissimulado de Capitu, esfinge indecifrável do gênio Machadiano; umedecemos nossos olhos, ante os olhos assustados da negrinha, no comovente conto de Monteiro Lobato; e nos surpreendemos com o ruivo dos cabelos e o azul dos olhos rudes de Fabiano, partindo em retirada com Vitória, os meninos, a cachorra baleia, que parece gente, e o papagaio mudo (LEITE, 2015).

Observa-se a existência de uma relação dependente entre pintura e texto, uma vez que uma se completa com o sentido da outra, tornando a proposta didática nas escolas ainda mais contributiva para o ensino de literatura, promovendo e ressaltando o caráter plurissignificativo das obras literárias, e desta maneira, norteando a formação de alunos capazes de entender os livros e o mundo com um pouco mais de criticidade.

Tais contribuições para a educação viabilizadas por esta prática didática de intertextualidade, está prevista em alguns documentos oficiais, comprovando a importância desta relação entre texto e pintura nas escolas. Observou-se as competências cobradas e estabelecidas como normas pelo Exame Nacional do Ensino Médio:

Competência de área 4 – Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação (INEP; ENEM, 2016. p. 45-46).

Pode-se notar que o Enem prevê que os participantes destas provas avaliativas (vestibulares) devem ser capazes de relacionar, analisar e refletir a partir de qualquer sistema simbólico, seja ele verbal ou não, incluindo-se aí o diálogo entre as obras literárias e a pintura. Os PCN's acrescentam a estes critérios avaliativos do Enem alguns outros aspectos importantes:

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis);

Recuperar pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial (PCN, 2000, p. 24).

Nota-se com base no fragmento citado dos PCNs, que o ensino da literatura deve levar em consideração a importante relação entre texto e contexto, uma vez que, estas expressões artísticas traduzem através do imaginário dos leitores os valores socioculturais de épocas passadas. Dessa maneira, a utilização da pintura como representação visual de um determinado contexto, somada à subjetividade literária torna-se um dever didático a ser executado pelo docente, “podendo oferecer ao aluno inúmeras possibilidades de leitura e compreensão dos signos linguísticos [...], abrindo espaço para o imaginário, aguçando o entendimento do leitor sobre a intencionalidade do autor na obra” (SILVA, F., 2010, p. 166).

## **2 PROPOSTA DIDÁTICA BASEADA NO DIÁLOGO ENTRE LITERATURA E PINTURA**

As artes representam os sentimentos vividos no tempo, sendo que a literatura e a pintura se expressam de maneiras diferenciadas: a arte pictórica capta um único momento, já a poesia descreve minuciosamente uma sequência de fatos. Dada a importância da análise conjunta destas expressões artísticas para o ensino de literatura e construção de sentidos, observa-se que este diálogo interartes realizado em sala de aula transforma a visão do estudante e o faz encantar-se, reconhecendo e admirando culturas de outros povos e períodos históricos, evidenciando, portanto, um caráter intertextual. A esse respeito Ricardo Zani cita Barros & Fiorin:

Intertextualidade ou dialogismo é uma referência ou uma incorporação de um elemento discursivo a outro, podendo-se reconhecê-lo quando um autor constrói a sua obra com referências a textos, imagens ou a sons de outras obras e autores e até por si mesmo, como uma forma de reverência, de complemento e de elaboração do nexos e sentido deste texto/imagem (BARROS; FIORIN, 1999 apud ZANI, p. 121).

Tendo em vista uma proposta didática que viabilize o diálogo entre as telas coloridas e as narrativas literárias, pretende-se aqui exemplificar tal interação utilizando a pintura de Lasar Segall e a poesia de Murilo Mendes, ambos envolvidos pelos acontecimentos que abalaram o mundo na primeira metade do século XX, logo, representantes da segunda fase do Modernismo. A produção

desses artistas teve como plano de fundo o terror da Segunda Guerra Mundial, no qual buscaram externar nas suas artes o que o mundo estava sofrendo e suas expectativas para superar este cenário catastrófico.

A pintura, Êxodo (1949) (ver ANEXO A), do lituano Lasar Segall, exprimi através de uma representação impactante características expressionistas, marcadas pelo rosto das figuras distorcidas do quadro em questão. Ao refletirmos sobre o título da obra, é possível observar que trata-se de um intertexto, pois, remete à história bíblica da libertação do povo hebreu após quarenta anos de escravidão no Egito. Comparando, dessa maneira, ao momento pós guerra vivenciado pelos judeus que estavam sob posse dos alemães em 1939. Tais conclusões refletem a história de vida do próprio artista plástico, porque o mesmo vivenciou esse conflito.

É possível notar também nas expressões das figuras humanas pintadas por Segall a ausência das suas bocas, simbolizando o silêncio dos sobreviventes diante daquele triste momento; à direita do quadro nota-se uma mulher com as mãos no rosto, exprimindo o choro de desespero ao deparar-se com os corpos de judeus vítimas do holocausto; além de tudo isso observa-se de maneira geral a melancolia simbolizada pela “cor marrom” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 104), e o pessimismo expresso nas faces das pessoas reforçado por meio da “cor preta” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 2006, p. 98), denotando a falta de perspectiva para um novo recomeço.

Agora, será observado e analisado o poema de Murilo Mendes tendo como base a pintura Êxodo, de Lasar Segall:

#### O filho do século

Nunca mais andarei de bicicleta  
Nem conversarei no portão  
Com meninas de cabelos cacheados  
Adeus valsa "Danúbio Azul"  
Adeus tardes preguiçosas  
Adeus cheiros do mundo sambas  
Adeus puro amor  
Atirei ao fogo a medalhinha da Virgem  
Não tenho forças para gritar um grande grito  
Cairei no chão do século vinte  
Aguardem-me lá fora  
As multidões famintas justiceiras  
Sujeitos com gases venenosos  
É a hora das barricadas  
É a hora do fuzilamento, da raiva maior  
Os vivos pedem vingança  
Os mortos minerais vegetais pedem vingança  
É a hora do protesto geral  
É a hora dos voos destruidores

É a hora das barricadas, dos fuzilamentos  
Fomes desejos ânsias sonhos perdidos,  
Misérias de todos os países uni-vos  
Fogem a galope os anjos-aviões  
Carregando o cálice da esperança  
Tempo espaço firmes porque me abandonastes.

A partir da leitura do poema “O filho do século”, é possível estabelecer alguns pontos de associação entre as obras, das quais, destacamos inicialmente o próprio título do texto poético, uma vez que, este filho mencionado por Mendes é o resultado do período de caos o qual o mundo vivenciava.

A introdução do poema é marcada pela enumeração de fatos do cotidiano dos judeus antes da invasão dos alemães. Nos versos seguintes, percebemos algumas conexões com a pintura de Segall: no fragmento “Atirei ao fogo a medalhinha da Virgem”, observa-se a presença da religiosidade em ambas as obras, no entanto, esse verso simboliza um povo sem esperanças diante da realidade; já no verso “Não tenho forças para gritar um grande grito” percebe-se as vozes silenciadas diante daquele cenário de horror. O poeta dá seguimento ao texto descrevendo as cenas de violência provocadas pela guerra, e nos versos finais realça os últimos momentos da guerra, assim como os sentimentos deixados por ela. A falta de esperança diante de uma falsa liberdade é uma característica presente tanto nas faces dos protagonistas da pintura, quanto no desfecho do poema.

### **3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A CONSTRUÇÃO TEMÁTICA**

Este trabalho desenvolveu-se por meio da pesquisa bibliográfica, pois, consultou-se todas as referências “já tornad[as] pública em relação ao tema de estudo” (LAKATOS, 2003, p. 182), tendo em vista a fundamentação teórica deste importante diálogo entre literatura e pintura para formação do leitor crítico. Já o método de abordagem utilizado foi o dedutivo, pois se chegou a conclusões racionais e de forma lógica considerando o conteúdo pesquisado das premissas para uma questão mais particular, visto que este “método proposto pelos racionalistas Descartes, Spinoza e Leibniz pressupõe que só a razão é capaz de levar ao conhecimento verdadeiro” (PRODANOV, 2013, p. 27).

Em vista disso buscou-se refletir a partir dos dados adquiridos por meio da pesquisa e racionalizá-los considerando o livro didático do Ensino Médio, uma vez que estes escritos pedagógicos já apresentam o importante diálogo interartes aqui salientado.

### 3.1 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os livros didáticos dos anos finais da Educação Básica que trazem a proposta da conversa entre Literatura e Pintura veem “a importância dessas duas linguagens como instrumentos de ampliação cultural” (SILVA, F., 2010, p. 158) e conseqüentemente de formação do leitor crítico, embasando e reforçando o uso da arte pictórica em contato com os textos dos diversos movimentos literários, dessa forma orienta o professor a utilizar a seguinte proposta didática discutida neste escrito.

De acordo com o livro “Português: literatura, gramática, produção de texto” do 1º ano do Ensino Médio é possível observar a pintura de Quentin Metsys, com sua obra intitulada “O banqueiro e sua mulher” (ver anexo B), a qual enfatiza a dualidade do homem entre o sagrado e as coisas terrenas, além de permitir aos estudantes, por meio da observação, um melhor entendimento a respeito da contextualização do período de transição conhecido como Humanismo, muito bem representado por Gil Vicente e sua obra nomeada “O Auto da Barca do Inferno”. Já no livro “Poesia Romântica” do 2º ano do EM destaca-se a pintura de Eugène Delacroix, “Liberdade conduzindo o povo” (ver anexo C), como uma importante obra para se trabalhar o contexto sociocultural e características presentes no período Romântico, tais como o nacionalismo, que é enfatizado na obra “Iracema” de José de Alencar. No livro didático do 3º ano do EM intitulado “Literatura Modernista – Poesia e Prosa”, observa-se a pintura “Retirantes” (ver anexo D) de Cândido Portinari, onde é ressaltado o regionalismo por meio do contexto social nordestino, que muito influenciou a Segunda Geração Modernista incentivando várias criações literárias, a exemplo disso, destaca-se a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.

Dessa forma, nota-se que esta proposta didática baseada no diálogo entre literatura e pintura, muito pode contribuir para a prática docente, no que diz respeito ao ensino literário, aproximando cada vez mais o universo significativo das palavras e os discentes, dessa maneira, “o aluno poderá fazer previsões e escolhas adequadas na fala/escrita, bem como olhar para o texto de forma crítica, ampliando significados para além da palavra escrita” (PCN, 2000, p. 22), isto é, olhando o mundo com mais sensibilidade e criticidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente escrito evidenciou a relevância de trabalhar-se a literatura em diálogo com outras formas de expressão artística, tais como a pintura, tendo em vista o desenvolvimento do leitor crítico diante do seu contexto, apto a realizar qualquer leitura de forma significativa e atuar

em qualquer ambiente situacional. Assim como, incentivar novas pesquisas que possam contribuir para que haja uma ampliação dos estudos científicos.

O levantamento que foi realizado por meio das pesquisas bibliográficas, averiguou que alguns procedimentos adotados com relação ao estudo do texto literário nas Escolas ainda são de forma superficial, seguindo determinadas condutas de ensino que afastam assim os jovens da leitura crítica que os programas de avaliação exigem em seus processos, espera-se que o candidato tenha desenvolvido no Ensino Médio habilidades e competências em função do texto. O texto literário por sua vez, auxilia o ser humano em seu processo de socialização e humanização, agregado a pintura geram um melhor entendimento ao estudante, contribuindo para que o mesmo possa fazer inferências, associações, reflexões e aplicações em seu contexto, aproximando-os de culturas passadas, dessa forma o diálogo entre artes se faz presente e necessário na sala de aula. Assim, esta pesquisa não só promove novas discursões a respeito da temática como também contribui para uma sociedade atuante e consciente do seu papel de cidadão.

Portanto, literatura e pintura em diálogo, podem auxiliar de maneira significativa para que se construa um sujeito ativamente crítico, pois a pintura instiga e desafia o aluno a ter uma pluralidade de interpretações que lhe ajudarão a ter uma concepção e um olhar mais aguçado ao ler uma narrativa ou um poema e compreender sua literariedade, sendo que é uma proposta muito bem enfatizada pelo paradidático e exigida no Exame nacional do Ensino Médio, certamente não se quer afirmar que essa proposta resolverá todas as dificuldades na sala de aula, mas será uma das alternativas que o professor terá para auxiliar no desenvolvimento de um leitor crítico.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Sônia Maria. *A linguagem e a Construção literária*. Manaus: Valer, 2016.

BARROS, Antonio Walter Ribeiro Junior. *O Idílio Arcade entre o texto e a imagem*. Tese de doutorado defendida na USP, 2007.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORGES, Rejane. *As principais influências nas obras de Lasar Segall*. Disponível em: <[http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/lasar\\_segall/as-principais-influencias-nas-obras-de-lasar-segall.html](http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/lasar_segall/as-principais-influencias-nas-obras-de-lasar-segall.html)>. Acessado em: 15 nov. 2016, 15:10:30.

BRASIL, Ministério da Educação: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. *Edital nº 10, de 14 de abril de 2016. Exame nacional do ensino médio – ENEM 2016*.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC, 2000.

CEREJA, Willian Roberto. *Ensino de Literatura*. São Paulo: ed. Atual, 2005.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed., 5ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2014.

DIAS, Gonçalves; AZEVEDO, Alvares de; ALVES, Castro. *Poesia Romântica*. Ed. Valer, 2010.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinho. *Psicodinâmica das cores em Comunicação*. 5. ed., São Paulo: Edgard BlücherLtda, 2006.

GONÇALVES, Aguinaldo José. *Laokoon Revisitado, Relações homológicas entre texto e imagem*. Ed. Edusp- São Paulo, 1994.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 36. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. Ed. Ática. 1993.

LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia Científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, José Jr. *Oficina explora a relação entre literatura e pintura*, 2015. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/es/noticias/191-oficina-explora-a-relacao-entre-literatura-e-pintura>>. Acesso em: 04 out. 2016, 18:20:30.

LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. Ed. Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Larissa Arruda. *Imagem e Letra: Ensaio sobre Literatura e artes plásticas*. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Luis. *A Interpretação da obra de arte*. 2011. Disponível em: <<http://lrsr1.blogspot.com.br/2011/03/interpretacao-da-obra-de-arte.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016, 19:37:05.

SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. *Português: literatura, gramática, produção de textos*. Volume único. Ed. Moderna, 2004.

SILVA, Frederico Fernando Souza. *Literatura e pintura: uma leitura possível em sala de aula*. Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), 2010.

SILVA, Ivanda Maria Martins. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. Tese defendida na universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2003.

SILVA, Karina de Freitas. *O uso da pintura e o incentivo à análise literária no Ensino de Literatura*. Programa da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.



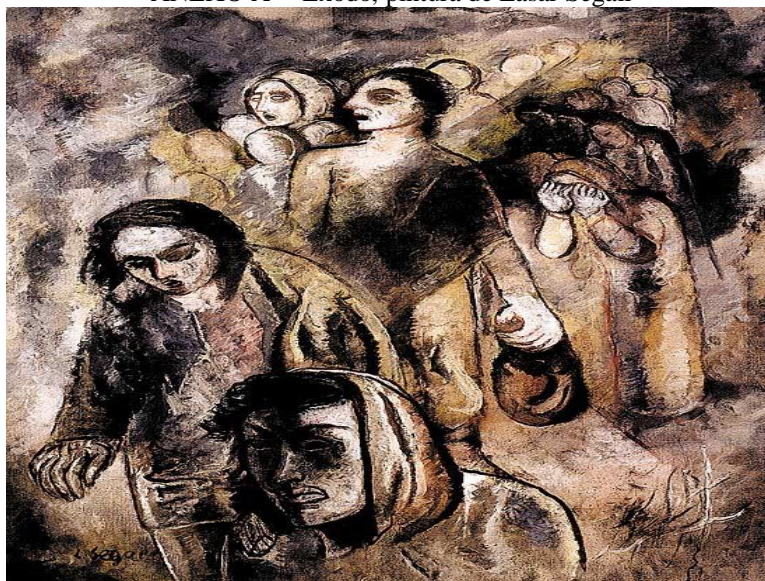
VÁRIOS, Autores. *Literatura Modernista- Poesia e Prosa*. Ed. Valer, 2010.

ZANI, Ricardo. *Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo*. Porto Alegre, 2003.

ZILIO, Carlos; LAFETÁ, João Luiz; CHIAPPINI, Lígia. *Artes Plásticas e Literatura: o nacional e o popular na cultura brasileira*. Ed. Brasiliense, 1996.

## ANEXOS

ANEXO A – Êxodo, pintura de Lasar Segall



FONTE: Disponível em: <[http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/lasar\\_segall/as-principais-influencias-nas-obras-de-lasar-segall.html](http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/lasar_segall/as-principais-influencias-nas-obras-de-lasar-segall.html)>.

ANEXO B – O Banqueiro e sua Mulher, pintura de Quentin Metsys

capítulo **3** **Classicismo**

*O Renascimento foi um importante movimento de renovação científica e cultural ocorrido na Europa durante os séculos XV e XVI. Com ele, iniciou-se a era moderna.*

**O homem no centro do universo**

A base do Renascimento encontra-se no crescimento gradativo da burguesia comercial e das atividades econômicas entre as cidades européias, o que acabou estimulando a vida urbana.



O desenvolvimento da economia burguesa torna-se tema de pinturas, como essa do artista flamengo Quentin Metsys (1465-1530). Em *O banqueiro e sua mulher*, o homem pesa as moedas e a mulher lê um livro religioso.

O aperfeiçoamento da imprensa facilitou a difusão de novas idéias, contribuindo para o enriquecimento do ambiente cultural. As expedições marítimas, por sua vez, alargaram a visão do homem europeu, pondo-o em contato com povos de culturas diferentes. O desenvolvimento da matemática e do método experimental propiciou o surgimento das bases da ciência moderna.

Gracias aos humanistas, numerosas obras gregas e latinas, de assunto literário, filosófico e científico, foram traduzidas e difundidas. O pensamento da época misturava-se da filosofia grega, e as obras de arte eram cada vez mais patrocinadas pela rica burguesia.

O estudo sistemático das línguas desenvolveu-se bastante, surgindo as primeiras gramáticas das línguas modernas.

Um exemplo da revalorização dos pensadores antigos é este depoimento de Maquiavel (1469-1527), autor de *O príncipe*, o livro de filosofia política mais importante do Renascimento. Neste trecho, Maquiavel fala do prazer que sente em ler e estudar os autores antigos:

“Caída a noite, volto para casa. Penetro em meu gabinete e, já na soleira da porta, tiro a roupa usada de todos os dias, coberta de lama e de lodo, para vestir-me com os hábitos da Corte real e pontifícia; assim dignamente ataviado, penetro nos antigos recintos dos homens da Antiguidade. Acolhido com afabilidade por eles, sacio-me com o alimento que é por excelência o meu, e para o qual nasci. Nesse encontro, não sinto vergonha alguma em falar com eles, em interrogá-los acerca dos móveis de suas ações; e eles, em virtude da sua humanidade, me respondem. E assim, pelo espaço de quatro horas, não sinto o menor aborrecimento, esqueço todos os tormentos, deixo de temer a pobreza, e a própria morte não me atemoriza mais.”

Por outro lado, os artistas — pintores, escultores, arquitetos — inspiravam-se nas obras dos antigos gregos e romanos, que se transformaram em modelos. Por isso mesmo, dizia-se que a gloriosa arte antiga estava renascendo.

Todas essas atividades resultaram na formação de um clima intelectual otimista e confiante na força do ser humano, que é visto como o centro do universo, “a medida de todas as coisas”.

O Renascimento começou em Florença, na Itália, em meados do século XV e foi adquirindo aspectos diferentes à medida que se difundia pela Europa. No entanto, manifesta sempre uma característica comum: a ruptura, em maior ou menor grau, com o forte teocentrismo da Idade Média.

O cristianismo, evidentemente, continua imperando, mas o homem renascentista já não parece viver tão angustiado com as questões religiosas quanto vivera o homem medieval.

33


FONTE: SARMENTO, Leila Lauar; TUFANO, Douglas. Português: Literatura, gramática, produção de textos: volume único. Ed. Moderna, 2004.

ANEXO C — Liberdade conduzindo o Povo, pintura de Eugène Delacroix

romântico foi publicada na Alemanha, em 1774. Trata-se de *Os sofrimentos do jovem Werther*, do poeta Wolfgang Goethe.

O contexto histórico que serviu de cenário para o surgimento do Romantismo foi marcado por contradições e rupturas. O mundo não foi mais o mesmo depois das transformações econômicas decorrentes da Revolução Industrial, que teve como berço a Inglaterra. Com a Revolução Francesa, em 1789, a burguesia conquistou o poder político, pondo fim ao reinado da nobreza. Inaugurou-se uma nova época, dominada ideologicamente pelo ideário iluminista que servia de fundamento para a dominação burguesa.

No Brasil, o cenário não era menos dramático. Com a Independência, vive-se o fortalecimento do sentimento pátrio, a recuperação de nosso passado histórico como parte do projeto de construção da identidade nacional. No plano político viviam-se os dramas decorrentes do governo autoritário de D. Pedro I; a dissolução da Assembleia Constituinte e a imposição da primeira Constituição do país; a Confederação do Equador; a briga pelo trono português com D. Miguel, seu irmão, e seu suposto envolvimento na morte do jornalista Libero Badaró. Fatos que culminaram na sua abdicação.



*A liberdade conduzindo o povo, pintura de Eugène Delacroix*

8 | Projeto Leitara para a juventude

**Romantismo**

A publicação, em 1836, do livro *Suspiros de Magalhães*, marca formalmente o Brasil. O movimento se estendeu até 1880 quando o Realismo. No mesmo ano, Aluísio de Azevedo, marco do Naturalismo em nossa literatura.

Numa clara oposição às concepções de ordem e do sentimentalismo são os traços românticos. Opondo-se aos padrões da tradição, o Romantismo problematiza os temas cotidianos, os assuntos da vida.

O Romantismo é um movimento ideológico que valoriza os valores da sociedade burguesa. Com Werneck Sodré: “Burguesia e Romantismo” o segundo é a expressão literária da plena consciência de que a linguagem romântica foi

Romantismo | Poesia Romântica

FONTE: DIAS, Gonçalves; AZEVEDO, Alvares de; ALVES, Castro. Poesia Romântica. Ed. Valer, 2010.

ANEXO D — Retirantes de Portinari



FONTE: VÁRIOS. Autores. Literatura Modernista- Poesia e Prosa. Ed. Valer, 2010.

Recebido em: 30/10/2019  
Aprovado em: 22/02/2020  
Publicado em: 12/06/2020